

4

A Pesquisa Fenomenológica Como Possibilidade de Acesso à Vivência de Família

4.1

A Fenomenologia como Método

Husserl questionou a utilização do método experimental, de natureza quantitativa, como recurso para acessar a psique humana. A ênfase desse autor recaía sobre o fato de que a psique não poderia ser reduzida em termos quantitativos, podendo, por outro lado, ser descrita em termos qualitativos. Por conseguinte, ele propôs uma separação entre a psicologia, na perspectiva da psicofísica, e uma psicologia dos atos psíquicos de tipo qualitativo. Assim, na medida em que a psicologia pretendia se debruçar sobre os fenômenos psíquicos, ela precisaria descrevê-los e determiná-los com um rigor conceitual, através de um método que considerasse, de modo adequado, as suas especificidades, as quais, certamente, não são as mesmas de um objeto físico (Husserl, 1996).

Foram essas questões que levaram Husserl a desenvolver o método fenomenológico, o qual pretende abordar o sentido do fenômeno, tal como ele aparece à consciência, e não como plano da existência factual dos objetos do mundo. Moreira (2002) ressalta que “o método fenomenológico enfoca os fenômenos subjetivos na crença de que verdades essenciais acerca da realidade são baseadas na experiência vivida. (...) O que interessa é a experiência vivida no mundo do dia-a-dia das pessoas” (p. 108).

A aplicação do método fenomenológico no campo da pesquisa ressalta o interesse do pesquisador nos significados atribuídos pelos sujeitos entrevistados às percepções que eles têm daquilo que está sendo investigado. A pesquisa fenomenológica objetiva construir uma compreensão acerca do fenômeno estudado mediante a captação da intencionalidade (da experiência intencional, vivida) revelada nos relatos. A pessoa entrevistada é considerada como um “atribuidor de sentido” às situações vivenciadas em seu cotidiano, e não como alguém que meramente repete idéias adquiridas de forma mecânica. Assim, é

justamente a compreensão desses significados atribuídos ao fenômeno que o pesquisador pretende alcançar através do método fenomenológico. Este permite a descoberta de certos determinantes sobre os sujeitos e sobre a situação abordada na pesquisa, ou seja, a expressão da vivência (Martins & Bicudo, 2005).

É importante salientar que tal perspectiva, por visar à intencionalidade do sujeito, distingue-se daquela proposta pelo pesquisador que utiliza o método da análise de discurso como instrumento para inferir fatos ou revelar a estrutura subjacente do discurso dos entrevistados, ou mesmo do método psicanalítico, que busca revelar o desejo oculto no discurso.

A pesquisa fenomenológica é originada, freqüentemente, por inquietações do pesquisador (como todos os outros tipos de pesquisa), mas este não inicia sua investigação a partir de teorias ou explicações acerca do tema a ser pesquisado. Ele começa seu trabalho pela interrogação do fenômeno que pretende conhecer através da descrição que as pessoas entrevistadas fazem de sua experiência sobre o tema. Tal interrogação abre o campo para possibilitar o surgimento da complexidade dos fenômenos presentes nele e suas correlações. Nesse sentido, o pesquisador busca compreender o sentido revelado na descrição da experiência. É a análise dessa descrição que permitirá conhecer as relações intrínsecas à experiência. Assim, eu tenho um tema – a família – que é meu objeto de interesse, e me aproximo dele com uma pergunta que vai permitir o conhecimento dos elementos que fundam aquela vivência de família: as unidades de sentido.

A descrição tem um papel primordial na pesquisa fenomenológica. Ela pode ser concebida como um processo de descoberta e como possuidora de uma função desveladora dos elementos constitutivos do fenômeno que se está investigando. Portanto, na presente pesquisa, essa abordagem descritiva permitirá a apreensão dos aspectos da família aos quais não se teria acesso, caso fossem pretendidas correlações explicativas do fenômeno, do tipo causa e efeito. Como consequência desse enfoque fenomenológico, a reflexão da família sob esse prisma vai possibilitar a emergência de situações do cotidiano familiar repletas de constâncias que formam a vivência da família em sua essência, transcendendo a diversidade factual manifestada por intermédio da fala das pessoas e sem as quais a família não poderia ser compreendida (Szymanski, 1988).

Entretanto, Amatuzzi (2001a) salienta que a vivência não se manifesta por si só, mas apenas quando mobilizada numa relação inter-humana. É somente na

relação com o outro que a vivência é acessada, quando esse encontro permite uma conexão mais íntima da experiência pessoal. O pesquisador deve estar atento à seguinte questão: o que a pessoa entrevistada pretende efetivamente dizer? Nesse sentido, ele deve assumir uma postura acolhedora e facilitadora, como um interlocutor que auxilia a pessoa entrevistada a se conectar com o que ele chama de “seu centro pessoal”, a fim de que ela possa acessar sua experiência mais concreta e originária daquilo que ele pretende compreender através da pesquisa fenomenológica.

Na pesquisa fenomenológica, o acesso à vivência ocorre mediante os pensamentos e ações nos quais ela se manifesta, sendo tais manifestações denominadas “depoimentos”. AmatuZZi (2001b) ressalta que qualquer forma de expressão humana pode se constituir num depoimento. Porém, na pesquisa em psicologia, o depoimento mais comum é o escrito (a transcrição literal das entrevistas realizadas). Entretanto, o que caracteriza o método fenomenológico não é a forma do depoimento, mas o modo como lemos essa expressão.

O autor ressalta ainda que qualquer tentativa de abordar a vivência já é uma forma de atribuir-lhe um significado. Assim, “a pesquisa fenomenológica pretende voltar ao vivido [vivência], não negando as elaborações que se fazem a partir dele, mas colocando-as provisoriamente entre parênteses, para revê-las, depois, à luz daquela fonte primeira” (2001a, p. 55). Portanto, é através dos depoimentos (relatos verbais sobre o objeto da pesquisa), enquanto manifestações dos sentimentos, pensamentos e ações implícitos na vivência, que se tem acesso a ela. Diz o autor:

A luz sob a qual se lê o depoimento é, então, uma luz que permite atravessar a materialidade empírica do próprio depoimento, chegar ao vivido [vivência] que ele expressa, e depois, abstraindo-se do contexto concreto deste sujeito, buscar os significados gerais em relação à existência humana problematizada pelo pesquisador. (AMATUZZI, 2001a, p. 60).

Sendo a vivência uma experiência fundadora e uma referência importante para nossa postura no mundo, e a partir das minhas inquietações sobre a vivência de família, fui instigada a investigar, na presente pesquisa, como a família é vivenciada por pessoas moradoras em comunidades populares. Busquei conhecer as unidades de significado que compõem tal vivência, sem as quais a família não poderia ser pensada. Isso só foi possível a partir da disponibilidade de ouvi-las

genuinamente no tocante à descrição dessa experiência, de modo que o fenômeno se manifestasse naquilo que fazia sentido para elas. E, por esse motivo, a pesquisa fenomenológica se constituiu na minha escolha metodológica.

4.2

O Contexto

Conforme mencionado anteriormente, o fato de ter sido aprovada no Programa de Doutorado da PUC-Rio me proporcionou uma licença para capacitação docente na UFMG. Isso implicou a obrigatoriedade do meu afastamento de todas as atividades docentes naquela universidade, determinando, então, o encerramento do projeto de extensão *Inserção do Psicólogo no Programa Saúde da Família*, cuja experiência originou a questão da minha pesquisa de Doutorado.

No período de realização do Doutorado, comecei um trabalho voluntário de assistência psicológica na Paróquia São Brás, situada no Conjunto Santa Maria, comunidade carente de Belo Horizonte. Em agosto de 2006, procurei o padre Danilo Mamede, pároco daquela igreja na época, e me coloquei à disposição para oferecer um serviço de plantão psicológico às pessoas interessadas da região; proposta que ele prontamente aceitou.

O plantão psicológico é uma modalidade de assistência que se caracteriza pela disponibilidade do psicólogo para realizar o atendimento no momento em que a pessoa precisa de ajuda. No período do plantão, o psicólogo fica à disposição das pessoas que buscam o atendimento imediato, no momento em que elas julgarem necessário, sem marcação prévia. Ele pode ocorrer em diversos locais, como por exemplo, em escolas, igrejas ou Centros de Saúde Pública.

Mahfoud (1999) considera essa modalidade de atendimento como uma oportunidade para a pessoa rever, repensar e refletir sobre suas questões, reconhecendo o que for mais significativo para ela naquele momento, bem como seu posicionamento diante da situação. A ênfase do psicólogo recai sobre a pessoa, sobre a perspectiva que ela escolhe ao aprofundar sua experiência, e não sobre o problema em si. Portanto, cabe a ele acompanhar o processo da pessoa, e não conduzi-lo. O autor valoriza especialmente a escuta como uma postura básica, compreendida como: “(...) saber ouvir o outro, estar preparado e disponível para

receber a vivência que estiver trazendo, tomando-a em sua complexidade original, em seus múltiplos horizontes, de maneira tal a facilitar que a pessoa examine com cuidado as diversas facetas da sua experiência” (p. 53). Para ele, essa escuta ativa e a presença do psicólogo mobilizam a pessoa a voltar-se para si mesma e a aprofundar sua vivência.

Assim, desde a minha conversa com o Pe. Danilo, durante uma tarde por semana eu estou na secretaria da igreja São Brás, atendendo à demanda dos moradores daquela comunidade que procuram esse tipo de assistência. Eles foram informados sobre a existência do plantão psicológico através de avisos nas missas, de encaminhamento realizado por pessoas que trabalham na comunidade (tais como médicos, representantes da comunidade, agentes comunitários de saúde), mas principalmente pela propaganda boca-a-boca: pessoas atendidas recomendavam parentes, vizinhos ou amigos a “se consultarem com a psicóloga”, como muitos se referem. Não há estipulação de tempo dos atendimentos, nem marcação prévia. Eles duram o tempo necessário para que a pessoa possa expor sua situação e para que nós possamos conversar sobre as várias perspectivas do tema em questão (por exemplo, seus sentimentos, sua potencialidade, suas crenças, dificuldades, possibilidades, limites, etc.).

O Conjunto Santa Maria localiza-se na região sul de Belo Horizonte, ao lado da Avenida Raja Gabaglia, importante e movimentada via de acesso a bairros de classe média da região. Ao seu redor, num limite estabelecido por becos e ruas, encontram-se outras comunidades, ainda mais carentes que o Conjunto: a Vila Bandeirantes, a Vila das Antenas, o Morro das Pedras, a Vila Leonina e a Favela Pantanal. Em conversa com os moradores da região, eles me informaram que o Conjunto é um bairro, pois as residências, apesar de simples, têm registro na Prefeitura, pagam IPTU e têm escritura. As demais comunidades citadas são favelas, pois a maioria das habitações se deu por invasão, as casas são construídas de forma precária e com materiais inadequados (barracos), os moradores não pagam impostos, as ruas não são asfaltadas e há muitos becos. Mesmo assim, segundo um dos moradores, já houve uma melhora significativa na infra-estrutura dessas comunidades.

No Conjunto, há uma escola municipal, um Centro de Saúde Pública, uma associação de moradores e uma creche, os quais atendem às várias comunidades. Há também um campo de futebol, às margens da Avenida, administrado pela

diretoria do Esporte Clube Santa Maria, que tem um time de futebol: o Santa Maria Futebol Clube. Nesse campo também são desenvolvidos outros projetos, como o Pró-Criança, com atividades de futebol voltadas para as crianças da região. A comunidade conta ainda com vários projetos sociais promovidos por instituições de outros segmentos, visando ao atendimento da demanda da população, como, por exemplo, os projetos de assistência oferecidos pelas diversas igrejas da região e por uma faculdade particular localizada no bairro. Apesar de tudo isso, ainda há muitos problemas e dificuldades enfrentadas pela população local.

Ao oferecer o serviço de plantão psicológico, eu comecei a me deparar com uma parcela dos sofrimentos dos moradores, pois essa atividade me propiciou a proximidade com uma diversidade de mazelas da comunidade: a carência de recursos financeiros, as dificuldades de se viver numa casa com muitas pessoas (famílias extensas são comuns nesse segmento social), solidão, dentre outros. Mas o que me chamou a atenção foi a constância de questões familiares nas queixas relatadas nos atendimentos do plantão psicológico (semelhante ao que ocorreu durante a experiência de campo do projeto de extensão realizado em Vespasiano). Dos primeiros 40 atendimentos realizados, 15, ou seja, 37,5%, se referiam a dificuldades de relacionamento com algum membro da família (cônjuge, pai, filhos, enteado, ex-companheiro ou padrasto), tendo dois deles terminado em violência doméstica com a criança. Essa constatação e a proximidade com parte da população do Conjunto Santa Maria me levaram a desenvolver a presente pesquisa naquela comunidade.

4.3

Metodologia

A metodologia se configurou na análise qualitativa através do método fenomenológico, visando a revelar os significados contidos nos depoimentos pessoais dos entrevistados.

4.3.1

Sujeitos

A escolha dos sujeitos ocorreu de acordo com o procedimento da amostragem intencional, proposto por Thiollent (2000), segundo o qual os sujeitos são escolhidos por se revelarem com maiores chances de abordar o tema que se quer investigar, seja a partir de contatos anteriores com o pesquisador ou pela indicação de terceiros.

O atendimento psicológico prestado na Paróquia São Brás me aproximou de vários moradores das comunidades que freqüentavam a igreja. A pesquisa foi realizada junto a três pessoas que vivem no Conjunto Santa Maria, em Belo Horizonte (MG). Duas haviam se colocado à disposição para participar da pesquisa e uma eu convidei diretamente, por julgar que ela poderia contribuir para meus objetivos enquanto pesquisadora. A Sra. Tânia tem 40 anos, a Sra. Aparecida tem 55 anos e o Sr. Adão, 45 anos.

Essas pessoas me chamaram a atenção pela sua facilidade e disponibilidade para descreverem suas experiências, pelo vínculo estabelecido comigo e pelo fato de assistirem a diversas famílias moradoras daquelas comunidades através da sua participação em projetos comunitários. Com o objetivo de preservar a identidade das mesmas, abstenho-me de maiores informações sobre a natureza das atividades realizadas por elas. Limito-me a dizer que são pessoas que interagem com um grande número de famílias da região, em função das atividades exercidas e da sua inserção na comunidade.

Outras características comuns aos entrevistados reportam-se ao fato de que todos são casados (primeira união), têm filhos, moram em casa própria e são católicos. Os nomes dos entrevistados usados nesta pesquisa são fictícios e escolhidos por eles.

4.3.2

Coleta de Dados

O procedimento de coleta e análise dos dados foi operacionalizado com base naqueles propostos na literatura sobre pesquisas fenomenológicas (Amatuzzi, 1996, 2001a, 2001b; Forghieri, 1993; Giorgi, 1985; Martins & Bicudo, 1989; Moreira, 2002).

Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas literalmente³, e tiveram duração aproximada de uma hora. Na transcrição, foram mantidas as falas em sua forma literal, os risos, os erros gramaticais, os silêncios e as interrupções (indicados por reticências), buscando-se, com isso, preservar a expressão geral das pessoas o mais fielmente possível.

Na coleta de dados, utilizei como procedimento a entrevista individual semi-estruturada, pois ela proporciona a abertura tanto para a descrição da experiência do entrevistado, permitindo-lhe abordar seus temas e questões do modo que melhor lhe convier, quanto investigar os aspectos relevantes para o pesquisador, visando à compreensão de aspectos essenciais do fenômeno (Minayo, 2006).

As entrevistas tiveram como objetivo levar os entrevistados a refletir sobre a questão básica que esta pesquisa se propõe a investigar: a vivência de família. Procurei deixá-los à vontade para descreverem suas experiências de família da forma que quisessem, mas procurei aprofundar meus questionamentos sobre aqueles aspectos de sua fala mais relacionados aos objetivos da pesquisa.

Como não houve hipótese prévia, foram considerados todos os temas apontados como significativos para as pessoas entrevistadas, tanto em termos de passado, quanto de presente e futuro (afetos, crenças, valores, exemplos da vida cotidiana, conflitos, repercussões em sua vida, formas de lidar com a família, expectativas, percepção das outras famílias da comunidade, etc.). Iniciei a entrevista expondo à pessoa entrevistada que, a partir da assistência clínica que realizei na comunidade, percebi que a família se constitui num tema importante e complexo, o que despertou meu interesse em compreender a vivência de família.

³As entrevistas foram analisadas, praticamente, na íntegra. Os trechos não analisados foram aqueles que, ou não se referiam ao tema da pesquisa, ou comprometiam o sigilo da identidade dos entrevistados. Por esses motivos, optei por não colocar as entrevistas em anexo.

Isso feito, comecei a entrevista, propriamente dita, com a seguinte questão: “Gostaria de começar nossa entrevista pedindo que o(a) Sr.(a) se apresentasse e apresentasse a sua família da forma que quiser.” Esta teve como objetivo propiciar ao entrevistado uma reflexão inicial sobre sua história familiar e suas vivências, com a plena liberdade de escolher o(s) aspecto(s) por onde gostaria de começar. A partir de sua fala inicial, meus questionamentos foram no sentido de esclarecer, conhecer ou aprofundar os temas que o entrevistado apresentava, bem como aqueles que pareciam relevantes aos objetivos da pesquisa. Em algum momento da entrevista, eles foram convidados a falar sobre: o significado de família para ele(a), a descrição da sua vivência em relação às situações familiares apresentadas, as características pessoais necessárias à sua constituição de família e a sua vivência presente ao falar comigo sobre o sentido de família.

À medida que interagíamos, fiz outros questionamentos pertinentes, com o objetivo de compreender ou focar um determinado aspecto do seu depoimento, ou mesmo de sintetizar o que havia compreendido, de modo que o entrevistado pudesse fazer possíveis correções sobre minha percepção de sua expressão.

4.3.3

Análise dos Dados

Após a transcrição, cada entrevista foi submetida, individualmente, aos seguintes procedimentos de leitura fenomenológica:

1. *Visão global*: os depoimentos foram lidos integralmente com o propósito de se obter uma percepção do seu sentido global, registrando-se os significados mais relevantes e os temas presentes na entrevista. Buscou-se penetrar na vivência da pessoa a fim de poder captá-la e explicitá-la conforme ela a experimenta.
2. *Divisão em unidades de significado*: refere-se a uma divisão do depoimento a partir dos elementos significativos relatados pela pessoa. Procurei apreender os eixos fundamentais de significado que me permitissem captar a estrutura ou o elemento constituinte da vivência de família.
3. *Interpretação dos dados*: refere-se à compreensão da pesquisadora sobre cada unidade de significado: cada uma delas foi transcrita numa linguagem

psicológica, buscando-se descrever a essência da vivência de família, o que estava implícito nela e seus desdobramentos no modo de viver de cada pessoa.

4. *Comparação entre os dados levantados para cada sujeito:* refere-se à obtenção dos dados comuns à vivência de família, registrando-se também as peculiaridades de cada experiência.
5. *Síntese:* refere-se à compreensão da estrutura revelada nos relatos da vivência familiar das pessoas envolvidas na pesquisa. Foi possível alcançá-la a partir da compreensão dos elementos significativos explicitados nos depoimentos.
6. Comparação dos resultados com aqueles produzidos em pesquisas anteriores sobre o tema da família junto a pessoas que vivem em comunidades populares.